EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

# ELECTRA

Sófocles

SÓFOCLES

# ELECTRA

*Tradução do grego*
MÁRIO DA GAMA KURY



# SUMÁRIO

*Sófocles*: ELECTRA
Introdução
Tradução
Notas

SÓFOCLES

# ELECTRA

# INTRODUÇÃO

## O AUTOR E A OBRA

Sófocles nasceu em 496 a.C. em Atenas, e sua primeira peça foi representada em 468; um de seus competidores naquela ocasião foi o já consagrado Ésquilo, vinte e quatro anos mais velho que ele; Sófocles foi o vencedor e durante sessenta anos compôs tragédias e dramas satíricos, num total aproximado de 123; deste total chegaram até nós, íntegras, sete tragédias (É*dipo Rei, Édipo em Colono, Antígona, Filoctetes, As Traquínias, Ájax* e *Electra*), além de um drama satírico quase completo (*Os Sabujos*) e numerosos fragmentos esparsos em citações de escritores gregos e latinos. O poeta morreu em 406 a.C., em Colono, na Ática.

A *Electra* foi representada pela primeira vez por volta de 413 a.C., ignorando-se a data exata. Essa dúvida reveste-se de certa importância literária, pois dessa incerteza decorre uma discussão interminável entre os eruditos para determinar qual das duas *Electras* foi composta em primeiro lugar: a de Sófocles ou a de Eurípides. Os antecedentes da tragédia estão na lenda da guerra de Tróia. Agamêmnon, rei dos argivos (habitantes de Argos mas também os gregos em geral na epopéia) e o mais poderoso dos chefes das minúsculas monarquias da Grécia lendária, após a vitória dos gregos na luta que os manteve afastados de seus lares por dez anos regressou a Micenas, capital de seu reino, onde Clitemnestra, sua esposa, tomara-se de amores pelo usurpador Egisto, primo do infeliz chefe grego; no mesmo dia do regresso de Agamêmnon Clitemnestra matou-o "com o cutelo todo de bronze", ajudada por Egisto, seu amante, com o pretexto de que o esposo sacrificara, antes de partir para Tróia, uma de suas filhas (Ifigênia; o casal tinha mais três filhas — Ifiânassa, Crisôtemis e Electra — e um filho — Orestes); por ocasião do crime Electra conseguiu salvar Orestes, então com cerca de dez anos de idade, e enviá-lo a Estrófio, rei da Fócida, amigo de Agamêmnon e pai de Pílades, por um antigo criado (o preceptor da peça); durante cerca de onze anos Electra, que permanecera em Micenas com Crisôtemis e Ifiânassa, junto a Clitemnestra e Egisto, sucessor de

Agamêmnon nas prerrogativas reais e conjugais, espera, humilhada, pelo regresso do irmão. Os antecedentes da *Electra*, até o assassinato de Agamêmnon, constituem o tema da belíssima peça de Ésquilo que tem o nome do chefe grego, publicada em tradução nossa por Jorge Zahar Editor juntamente com as duas outras peças que compõem a *Oréstia.*

A *Electra* começa com o retorno de Orestes a Micenas, cerca de onze anos após o crime, para vingar a morte do pai, assunto também das *Coéforas* de Ésquilo.

Na antigüidade o tema da *Electra* inspirou, além das *Coéforas* de Ésquilo, a *Electra* de Eurípides. Em nossa época ele foi retomado por Eugene O'Neil em *Mourning Becomes Electra* e na *Elektra* de Ezra Pound em colaboração com Rudd Fleming (publicada pela Princeton University Press, 1987, reimpressão de 1989).

Para a tradução consultamos com maior freqüência, embora sem exclusividade, o texto da edição de A.C. Pearson (*Sophoclis Fabulae*, Oxford, Clarendon Press, 1924); recorremos também às edições de R.C. Jebb (cujo abundante comentário nos foi útil), de P. Masqueray e de A. Dain (ambas da "Belles Lettres"), para desfazer dúvidas na interpretação de passagens difíceis do texto.

**Época da ação**: idade heróica da Grécia.
**Local**: Micenas (Grécia).
**Primeira representação**: 413 a.C. (data aproximada), em Atenas.

## PERSONAGENS

CLITEMNESTRA, viúva de Agamêmnon, casada em segundas núpcias com Egisto, seu cúmplice no assassínio do primeiro marido
EGISTO, primo de Agamêmnon
ELECTRA, ORESTES, CRISÓTEMIS } filhos de Clitemnestra e de Agamêmnon
PRECEPTOR, antigo criado de Agamêmnon
PÍLADES, personagem mudo, amigo inseparável de Orestes
CRIADA de Clitemnestra
CRIADOS (dois) de Orestes
CORO, constituído de mulheres mais idosas que Electra

**Cenário**

*Frontispício do palácio real de Micenas. É madrugada. Pela esquerda entram o* PRECEPTOR, **ORESTES* e *PÍLADES*. *Como o palácio fica na Acrópole, supõe-se que de lá se vêem toda a planície de Argos, a ágora e os templos de Apolo e de Hera.*

PRECEPTOR

Contempla finalmente, filho de Agamêmnon,
o heróico vencedor de Tróia, tudo quanto
há prolongados anos desejavas ver.
Aí está a antiga Argos que buscavas[1],
terra bendita da infeliz filha de Ínaco[2];
ali, Orestes, vês o altar do próprio Apolo[3],
o matador de lobos; mais além, à esquerda,
o templo renomado de Hera; prosseguindo
verás Micenas muito rica e o palácio
ensangüentado tantas vezes dos Pelópidas[4].
Há muito tempo te levei de lá comigo
cumprindo determinações de tua irmã,
teu sangue, Electra, quando mataram teu pai;
salvei-te e desde então cuidei de ti com zelo
para que um dia fosses o seu vingador.
Sem mais qualquer demora, Orestes, e tu, Pílades[5]
— o melhor dos amigos em terras estranhas —,
devemos resolver o que tem de ser feito;
o sol já deixa ver a sua luz e os pássaros
despertam gorjeando com a claridade;
a negra noite das estrelas acabou.
Antes que alguém lá do palácio possa ver-nos
ajamos; não é hora de perdermos tempo.

ORESTES

Meu guia devotado, amigo incomparável,
tenho de elogiar a tua lealdade.
Ages como bravo corcel de raça nobre
que mesmo idoso sempre luta; valoroso,
tu nos incitas e até vais à nossa frente!
Antes explicarei, amigo, nossos planos;
ouve-me atentamente, vê se estás de acordo
e faze as objeções que parecerem justas.
Quando me dirigi ao santuário pítico[6]
para saber como vingar em seus algozes
o meu pai morto, recebi ordens de Febo[7]:
— que sem escolta, por ardis e de surpresa
eu mesmo os abatesse com as minhas mãos.
Foi tudo quanto disse o deus. Vai ao palácio
e trata de saber o que se passa lá;
volta com os esclarecimentos necessários.
Estás idoso, muitos anos transcorreram;
nenhum dos moradores saberá quem és.
Podes apresentar-te como forasteiro
vindo de longe, servo do bom Fanoteu[8],
fiel amigo dos senhores de Micenas.
Dize-lhes e confirma com teu juramento
que por fatalidade Orestes faleceu,
lançado fora de seu carro velocíssimo
nos jogos píticos; assim hás de falar[9].
Enquanto vais derramo tristes libações
na sepultura de meu pai e lhe dedico
também os meus cabelos como quer Apolo.
Após as libações sacramentais traremos
a urna brônzea feita por artista hábil,
oculta por enquanto em meio àquelas árvores,
e iremos alegrá-los com a notícia falsa
de que meu corpo forte não existe mais:
queimaram-no numa fogueira e restam cinzas.
E por que não falar assim? Morto em palavras,
pelas ações mostro-me vivo e ganho glória;
palavras úteis não serão de mau agouro.

De numerosos homens sei que foram tidos
como finados em relatos vãos, mas voltam
depois aos lares com maiores honrarias;
ressurgirei na ocasião propícia, vivo,
e entre meus inimigos a minha presença
terá o brilho das estrelas cintilantes.
Mãe-pátria e divindades todas desta terra!
Com bons augúrios recebei o meu regresso!
E tu, mansão de meus nobres antepassados,
manda-me um deus purificar-te com justiça.
Que eu não retorne desonrado! Sejam minhas
de novo as minhas terras e a casa paterna!
Tudo foi dito; agora cumpre-te, ancião,
realizar a tua parte na incumbência;
nós dois seguimos; vamos arriscar a sorte,
senhora de nossos sucessos e fracassos.

ELECTRA

*De dentro do palácio.*

Ai! Infeliz de mim!

PRECEPTOR

Escuto neste instante
uma servente lamentando-se lá dentro.

ORESTES

Quem sabe se não é a malfadada Electra?
Queres que fique aqui, ouvindo seus gemidos?

PRECEPTOR

Não; mas tratemos de atender, sem vacilar,
às ordens dadas por Loxias; comecemos[10]
oferecendo as libações sacramentais

ao morto, pois somente assim será possível
colher enfim a dificílima vitória.

*Saem o* PRECEPTOR *por um lado e* ORESTES *e* PÍLADES *por outro. Pelo fundo entra* ELECTRA*, vinda do palácio, seguida pelas mulheres do* CORO*.*

ELECTRA[11]

Divina claridade e ar divino,
roupagem lúcida de nossa terra!
Quantas lamentações minhas ouvistes
e quantos golpes surdos desferidos
em meu sofrido peito lacerado
sempre que a noite negra terminava!
E meu leito odiado é testemunha
das lacrimosas e longas vigílias
sofridas no palácio repugnante
e dos soluços por meu pai — coitado! —
que o sanguinário Ares não ceifou[12]
em terras bárbaras, mas minha mãe
e Egisto, seu companheiro de leito,
mataram com seguidos golpes pérfidos
iguais aos de robustos lenhadores
quando cortam tranqüilamente as árvores!
E não se escuta aqui outro lamento
além dos meus por esse crime horrível
em que tu foste a vítima, meu pai,
de insidiosa morte! Mas meu pranto
não cessará, nem meus sentidos ais,
enquanto eu contemplar os raios trêmulos
dos astros para sempre cintilantes
e a claridade de todos os dias!
Igual ao pássaro que perde os filhos,
jamais eu pararei de soluçar
e de gritar alucinadamente
diante do palácio de meu pai!

Domínios de Perséfone e de Hades[13]!
Hermes do inferno e Maldição divina,
e vós, augustas, implacáveis Fúrias,
filhas dos deuses todo-poderosos,
vós que vedes os crimes sem castigo
e os vivos neste mundo espoliados
até do próprio leito, socorrei-me
para vingar a morte de meu pai!
Mandai de volta meu irmão Orestes!
Já não consigo suportar sozinha
o peso desta mágoa esmagadora!

CORO

Electra, filha da mulher mais pérfida!
Por que lamentas quem há tanto tempo
foi vítima de sua própria esposa,
autora de uma trama insidiosa?
Por que inda pranteias Agamêmnon,
morto por golpes de mãos criminosas?
Nossas palavras são: morra quem mata!

ELECTRA

Viestes minorar as minhas dores,
nobres amigas; ouço e compreendo
vossas palavras, mas não tenho ânimo
para deixar de lamentar meu pai.
Amigas, cujo amor é igual ao meu,
abandonai-me ao desespero! Peço-vos!

CORO

Jamais, porém, farás teu pai voltar
do silêncio do Hades, fim de todos,
nem com soluços, nem com desespero.
Sem resistência e sem moderação

entregas-te a um pranto interminável
que não te livra de teu sofrimento.
Por que te enamoraste da desgraça?

ELECTRA

Não tem um mínimo de sentimento
quem consegue esquecer por um instante
a morte trágica de um pai amado.
Não! Meu sofrido coração prefere
o aflito pássaro, tão caro a Zeus[14],
chorando os filhos incessantemente.
Ah! Níobe, infeliz eternamente[15]!
És para mim igual às divindades,
tu que, petrificada, choras sempre!

CORO

Não só a ti entre os mortais, Electra,
a dor aflige e tira a quietude;
nisto pareces muito mais sensível
que tuas queridas irmãs — Crisôtemis
e Ifiânassa —, acomodadas[16]
no palácio de nossos soberanos,
e aquele que, feliz e vigoroso
em sua mocidade, há de voltar
dentro de pouco tempo — queira Zeus! –
para viver na terra dos micênios
cheios de glória — Orestes nobilíssimo!

ELECTRA

Espero-o indefinidamente
sem filhos, sem esposo, desditosa,
sem perspectivas e desfeita em lágrimas,
vencida por desgraças sucessivas;
mas ele esquece o que sofreu e ouviu!

As novidades a respeito dele
nos chegam e são logo desmentidas.
Orestes sempre anseia por voltar,
mas mesmo desejando nunca vem.

CORO

Coragem, filha! Deves ter coragem!
Ainda está no céu o grande Zeus
que tudo pode e tudo vê no mundo;
confia-lhe tua penosa cólera.
Não te arremesses contra os inimigos
mas nunca os tires de tua memória;
o tempo é deus e conciliador.
Estão sempre pensando em ti, Electra,
o esperado filho de Agamêmnon
nas campinas bucólicas de Crisa[17]
e o deus supremo do rio Aqueronte[18].

ELECTRA

Eu sei, mas já passou amargamente
a melhor parte de minha existência.
Aguardo a morte sem ter tido filhos
e sem amigos para proteger-me
Não posso mais!… Como se fosse intrusa
e sem direitos, vivo como serva
neste palácio onde meu pai foi rei,
vestida nesta roupa degradante,
de pé, em frente à mesa sem convivas.

CORO

Tristes gemidos ao chegar de volta,
tristes gemidos nos coxins festivos
de seu palácio, quando o rei caiu[19]
sob os golpes fatais, terríveis, rápidos,

da impiedosa lâmina de bronze!
Mentor foi Dolo e foi verdugo Amor!
Cena terrível, morte preparada
por algum deus ou mesmo por mortais!

ELECTRA

Ah! Dia mais funesto em minha vida!
Ah! Noite inesquecível para sempre!
Ah! Festa horrível e cheia de sangue!
Meu pai previu os golpes crudelíssimos
vindos das mãos da dupla de homicidas
que aniquilaram a minha existência!…
Puna-os, pois, com as mais pesadas penas[20]
o grande e poderoso Zeus Olímpico!
Jamais desfrutem ambos de alegrias,
eles, autores do nefando crime!

CORO

Esforça-te por moderar-te, Electra.
Não percebeste que o ressentimento
já te causou incalculáveis mágoas?
Alimentando sem cessar o ódio
atrais rancor e novos sofrimentos;
é inútil resistir aos poderosos.

ELECTRA

Fatos terríveis inda me constrangem
e não consigo disfarçar a ira;
não poderei silenciar jamais
diante desta enorme desventura.
Quem de bom senso, minhas companheiras,
exigirá que eu abra meus ouvidos
a uma só palavra de consolo?
Deixai-me, companheiras prestimosas!

Males iguais aos meus não têm remédio.
Nunca me livrarei de minha angústia
e destes meus soluços incessantes!…

CORO

Aconselhamos-te, porque te amamos
como se fôssemos mães devotadas,
a não somar desgraças à desgraça.

ELECTRA

Pode-se ponderar no desespero?
É justo negligenciar os mortos?
Entre que homens se procede assim?
Nunca me louvem essas criaturas!
Nem possa eu jamais ter qualquer bem
ou deles desfrutar tranqüilamente
se de meus tristes ais fechar as asas
por omitir-me no culto a meu pai!
Se quem é morto criminosamente
jaz transformado em pó e nada mais
e não há punição para quem mata,
então a dignidade e a reverência
não mais existirão entre os mortais!

CORIFEU

Estou aqui, Electra, por teu próprio bem,
que é o meu; mas se não posso convencer-te
prosseguiremos juntas; seja como queres.

ELECTRA

Sinto vergonha, amigas minhas, de entregar-me
a esta dor demasiada; suportai-me;
a tanto me compele o mal que me causaram.
Seria natural outro comportamento

quando vou percebendo cada vez mais nítido
o desmoronamento desta casa ilustre?
Em vez de mãe tenho terrível inimiga;
neste palácio em que deveria ser dona
sou uma escrava dos verdugos de meu pai.
Podeis imaginar a minha vida aqui
vendo no trono de meu pai finado Egisto
envolto nas vestes reais de sua vítima,
propiciando as oferendas consagradas
exatamente no lugar do crime horrível;
ainda mais, tenho de ver o escárnio máximo:
no leito régio o miserável criminoso
com sua torpe cúmplice — com minha mãe
(se é mãe quem compartilha o leito de tal homem!).
Ela, sem recear as Fúrias vingadoras
e como se seu crime fosse um feito honroso,
festeja o dia do assassínio de meu pai,
da morte degradante, com danças e cantos
e sacrifícios aos deuses libertadores!
Que poderia eu fazer senão chorar?
Choro na solidão do palácio paterno
enquanto a festa impiedosa realiza-se,
mas o meu pranto não me traz alívio algum.
Por isso essa mulher fingidamente nobre
lança-se contra mim gritando mil injúrias:
“Peste perversa! Apenas tu perdeste o pai?
Nenhum mortal é infeliz? Só tu, mulher?
Maldita sejas e os bons deuses não te valham!”
São esses os insultos dela, salvo quando
alguém lhe diz que Orestes poderá voltar.
Então o seu furor atinge o paroxismo:
“Tu foste a causadora disso tudo, Electra!
Sei que salvaste o teu irmão naquele dia
premeditando males para tua mãe,
mas não te iludas! Teu castigo chegará!”
Nesses excessos jamais lhe falta o estímulo
do renomado esposo, do covarde em tudo,

que só peleja auxiliado por mulheres.
Agora Orestes é a única esperança
para pôr termo às minhas aflições presentes;
enquanto espero perco o ânimo, definho…
O seu regresso ainda é promessa vã
e já descreio do presente e do futuro.
Pensais ainda, amigas, em moderação
ou reverência? Em meio a males tão terríveis
é natural que também eu proceda mal.

CORIFEU

Ousas falar assim? E se te ouvisse Egisto?
Ou porventura neste instante ele está longe?

ELECTRA

Longe, sem dúvida! Se ele estivesse perto
nem mesmo à porta eu chegaria; foi ao campo.

CORIFEU

Já que podes falar, posso fazer perguntas?

ELECTRA

Tantas quantas quiseres; eu responderei.

CORIFEU

É a propósito de teu irmão ausente.
Virá depressa? Tardará? Ou nada sabes?

ELECTRA

Ele promete vir, mas fica nas promessas…

CORIFEU

É muito natural haver hesitação
antes de grandes e graves resoluções.

ELECTRA

Mas eu não hesitei na hora de salvá-lo!

CORIFEU

Sê corajosa! Orestes é nobre demais
para deixar de vir salvar os seus amigos.

ELECTRA

Confio; se não fosse assim, não viveria.

CORIFEU

*Vendo CRISÔTEMIS aproximar-se.*

Convém fazer silêncio; vejo tua irmã,
Crisôtemis, trazendo algumas oferendas,
dessas que geralmente se levam aos mortos.

*Entra CRISÔTEMIS, com roupas finas e bem cuidadas contrastando com as de ELECTRA.*

CRISÔTEMIS

Por que vieste novamente, irmã, gritar
e lamentar-te assim às portas do palácio?
Não aprendeste, decorrido tanto tempo,
que o ódio apenas nutre inúteis esperanças?
Sabes que também sofro com nossa desdita;
mostrar-lhes-ia, se pudesse, meu repúdio,
mas na desgraça é preferível ser prudente
e não premeditar quiméricas vinganças.
Ah! Se pensasses de maneira semelhante!
Sei que a justiça não está comigo, irmã;

está contigo, mas se quero viver bem
devo curvar-me aos detentores do poder.

ELECTRA

Estranho! Teu pai foi um homem tão ilustre
e podes esquecê-lo e cuidas simplesmente
viver bem com tua mãe desnaturada!
Todos os teus conselhos aprendeste dela;
és incapaz de proferir palavras próprias.
Escolhe, então, Crisôtemis, entre a prudência
hostil a teus amigos, que já esqueceste,
e a luta perigosa, cara às almas nobres.
Disseste agora mesmo, irmã, que se pudesses
demonstrarias o teu ódio pelos dois;
a mim, porém, que tudo faço por teu pai,
para vingá-lo, não me dás apoio algum
e tentas impedir até a minha ação!
Aos nossos males vem juntar-se a covardia.
Dize também — ou se preferes eu direi —:
que lucraria pondo fim aos meus lamentos?
Não vivo? Mal, eu sei, mas é suficiente.
Sempre hostilizo nossos arquiinimigos
e talvez isso dê satisfação ao morto,
se os mortos podem ter qualquer satisfação.
Teu ódio, esse vive apenas em palavras;
de fato, segues os algozes de teu pai;
eu, entretanto, não me curvarei a eles
embora me prometam todos os presentes
que agora ostentas com tamanha vaidade;
mostre-se tua mesa cada vez mais farta
e sejam os teus dias superabundantes;
a mim, porém, me satisfaz só o bastante
para viver em paz com minha consciência.
Não pretendi em tempo algum teus privilégios,
nem os desejarias se fosses prudente.
Não queres juntar o teu nome ao de teu pai;

preferes reuni-lo ao dessa mãe perversa
para maior realce de tua baixeza,
traindo o pai vilmente morto e teus amigos!

CORIFEU

Não, pelos deuses! Não te entregues tanto à ira!
As duas colherão proveito certamente
se cada uma ouvir a opinião da outra.

CRISÔTEMIS

*Dirigindo-se ao CORO.*

De tanto ouvir estou acostumada, amigas,
a esses impropérios muito repetidos,
nem voltaria a discutir se não soubesse
que novos e maiores males a ameaçam,
capazes de acabar com todas as lamúrias.

ELECTRA

Prossegue! Quais serão os males? Se falares
de algum maior que os meus, eu não replicarei.

CRISÔTEMIS

Se queres realmente conhecê-los, falo.
Mandar-te-ão, se não mudares de atitude,
para confins onde jamais verás o sol;
lançada viva em escuríssima caverna
longe daqui, irás cantar teus males nela.
Reflete agora e não me culpes se mais tarde
vieres a sofrer; é tempo de pensar.

ELECTRA

Foi esta a decisão tomada pelos dois?

CRISÔTEMIS

Não tenhas dúvidas; logo que volte Egisto.

ELECTRA

Se depende só disso, volte sem demora!

CRISÔTEMIS

Pareces transtornada! Que desejo é este?

ELECTRA

Que volte sem demora! Não me atemorizam!

CRISÔTEMIS

Para sofreres mais ainda? Já não pensas?

ELECTRA

Para ficar distante dessa gente toda.

CRISÔTEMIS

Não cuidas nesta hora nem de tua vida?

ELECTRA

É grande maravilha minha vida agora…

CRISÔTEMIS

Mas poderia ser, se fosses razoável.

ELECTRA

Não me aconselhes a trair os meus amigos!

CRISÔTEMIS

Ensino a recuar diante dos mais fortes.

ELECTRA

Adula-os! Tuas palavras não me afetam!

CRISÔTEMIS

Sei, mas prefiro não cair por teimosia.

ELECTRA

Pois cairei, mas exaltando nosso pai!

CRISÔTEMIS

Procedo assim, mas ele me perdoará.

ELECTRA

São agradáveis aos covardes tais palavras…

CRISÔTEMIS

Não cederás, então, nem ouvirás conselhos?

ELECTRA

Jamais serei tão insensata! Não e nunca!

CRISÔTEMIS

Então retomarei o meu caminho, irmã.

ELECTRA

Aonde vais? As oferendas, a quem levas?

CRISÔTEMIS

São para nosso pai; mandou-as nossa mãe.

ELECTRA

Mas, como? À pessoa que ela mais odiou?

CRISÔTEMIS

À sua vítima, se é isso que insinuas.

ELECTRA

Quem a persuadiu? Desejo estranho esse…

CRISÔTEMIS

A causa desta vinda foi um sonho insólito.

ELECTRA

Deuses dos meus avós! Enfim estais comigo!

CRISÔTEMIS

Anima-te o terror de nossa mãe agora?

ELECTRA

Responderei se me contares todo o sonho.

CRISÔTEMIS

Do sonho quase nada sei para contar.

ELECTRA

Revela-me esse quase nada; muitas vezes

poucas palavras perdem-nos ou então salvam-nos.

CRISÔTEMIS

Disseram que ela viu meu pai ressuscitado;
ele, empunhando o cetro régio muito antigo,
plantou-o em terra; o cetro transformou-se em árvore
imensa, recobrindo o chão micênio inteiro.
Eis a visão; ao despertar, quis Clitemnestra
comunicá-la ao Sol em suas orações;
o medo fê-la então pensar nas oferendas.
Peço-te pelos deuses! Ouve! Não te perca
a insensatez, irmã! Se agora me repeles,
depois me buscarás, no dia da desgraça!

ELECTRA

Não deixes nada do que tens tocar no túmulo!
Nem os preceitos dos mortais, nem os divinos
permitem a consagração das oferendas
mandadas pela mais perversa das esposas;
será mais natural deixar que o vento as leve
ou escondê-las todas no âmago da terra,
onde jamais possam ir perturbar meu pai;
e quando tua mãe morrer, vá encontrá-las
intactas e guardadas para ela mesma!
Se lhe restasse um mínimo de sentimento
nunca haveria Clitemnestra de pensar
em espargir as libações abomináveis
— mensagem pérfida de óbvia inimizade —
sobre o jazigo de meu pai, de sua vítima!
Supões que o morto acolherá com alegria
presentes dessas mãos manchadas pelo crime,
das mãos que o mutilaram e o assassinaram
como se fosse um inimigo e não marido,
perversas mãos profanadoras que limparam
o sangue ainda quente nos cabelos dele?

Pensas que as oferendas dela apagam crimes?
Não é possível! Deixa-as de lado, irmã;
põe sobre a sepultura alguns de teus cabelos[21];
por mim — é tudo quanto posso dar, coitada! —
dedica-lhe estes meus cabelos maltratados
e este modesto cinto gasto pelo uso.
Prosterna-te diante do sepulcro e roga
a nosso pai que saia do seio da terra
e nos ajude contra nossos inimigos
e mande-nos seu filho para derrotá-los!
Se as nossas súplicas chegarem até ele
iremos no porvir ao túmulo paterno
com mãos muitíssimo mais cheias que as de agora.
Vejo no sonho aterrador de Clitemnestra
a participação de nosso nobre pai;
se deres acolhida ao meu pedido justo
serás tão útil a ti mesma quanto a mim
e ao mais merecedor de apreço entre os mortais,
a nosso pai, que hoje repousa lá no Hades.

CORIFEU

Há piedade em todas as palavras dela.
Atende! Age como ela pediu, Crisôtemis!

CRISÔTEMIS

Vou e obedecerei; não é sensato opor-me;
se isto é justo, manda-me a razão ceder.
Silenciai enquanto estou agindo, amigas;
se minha mãe mesmo de longe suspeitasse,
a desobediência custaria caro.

*Afasta-se CRISÔTEMIS.*

CORO

Se somos profetisas confiáveis

e nossa mente não quer enganar-nos,
há de a justiça pressentida vir
trazendo-nos a vitória ansiada
em suas mãos; ela virá vingar-nos
sem mais delongas. Volta-nos o ânimo
com a descrição do sonho transparente.
Teu pai, senhor dos gregos vencedores,
não está esquecido, e nos lembramos
da lâmina de bronze de dois gumes
que o golpeou insidiosamente
e lhe tirou a vida. Há de a vingança
vir com pesados, incontáveis pés
e numerosas mãos, dissimulada
em lúgubre cilada inevitável.
Quem não devia deixou-se envolver
em bodas ímpias, mortais, adúlteras[22],
caindo numa voragem fatídica.
Pelos sinais, agora, com certeza
virá para os verdugos e seus cúmplices
o mais cruel de todos os castigos;
se deste sonho nada resultar,
não há nessas negras visões noturnas
nem vaticínios nem simples mensagens
para nós todos, mortais indefesos!
Ah! Corrida remota do rei Pêlops[23],
tão fértil em desditas infindáveis!
Como foste funesta à nossa raça!
Desde que Mírtilo sumiu nas ondas,
lançado brutalmente de seu carro,
jamais esteve ausente desta casa
a violência pródiga em desgraças.

*Aparece* CLITEMNESTRA, *seguida de uma servente, também com oferendas fúnebres.*

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se a* ELECTRA.

Vejo-te espairecer de novo, como queres,
aproveitando a ausência do zeloso Egisto,
pois ele não te deixa, quando está presente,
transpor as portas para injuriar amigos.
A mim, tu não me dás a mínima importância,
embora fales muito e sempre a toda gente
de minha rispidez, do tratamento injusto
e insultos meus a ti e a teus poucos sequazes.
Não te desconsidero nem sou insolente,
e se te falo com severidade às vezes
é que tu mesma me provocas e destratas.
Matei — pretextas sempre — teu querido pai:
sim, fui eu mesma, não irei negar agora,
mas não fui eu sozinha; estava com a justiça
que acatarias se não fosses temerária.
Pois esse pai, por quem ainda e sempre choras,
foi entre os gregos todos o único a ousar
sacrificar aos deuses a filha inocente[24],
sem meditar nas minhas dores quando a tive!
Por que, a quem teu pai tirânico imolou-a?
Dirás que pelos gregos. Poderia ele
assassiná-la? Mas se foi por Menelau[25],
por seu irmão, mereceria ou não castigo?
Dois filhos tinha Menelau, que com razão
de preferência à minha filha deveriam
ter sido as vítimas do sacrifício bárbaro,
pois foi Helena a causadora da contenda.
Teria o Hades tanta fome de meus filhos,
levando-me Ifigênia em vez dos outros dois,
filhos de Helena sedutora e Menelau?
Teria esse pai sem coração perdido
toda a ternura pelos filhos de meu ventre?
Conheces homem mais perverso e insensível?
Sei que discordas, mas meu pensamento é este
e se tivesse voz a minha filha morta

diria o mesmo; devo, então, sentir remorsos?
Aí estão meus sentimentos; se os reprovas,
vê se teu próprio julgamento é mais sensato
antes de censurar quem discorda de ti.

ELECTRA

Não digas desta vez que fui provocadora
e apenas replicaste; se me dás licença,
externarei minhas idéias a propósito
do fim de minha irmã, da morte de meu pai.

CLITEMNESTRA

Permitirei; se me falasses sempre assim,
não me seria tão penoso ouvir-te, Electra.

ELECTRA

Pois falo. Admites o assassínio de meu pai.
Haveria palavras mais cruéis que essas,
fosse o teu crime inominável justo ou não?
E digo que não o mataste justamente;
foste induzida pelo companheiro pérfido
com quem prossegues convivendo ainda hoje.
Pergunta à caçadora Ártemis o insulto[26]
que ela puniu sustando os ventos lá em Áulis[27]!
Ou eu direi pois dela não terás resposta.
Meu pai, segundo contam, passeava um dia
num bosque consagrado à deusa imaculada
quando, assustada com seus passos, irrompeu
malhada corça, rara, com os chifres longos;
ferindo-a, disse meu pai naquele dia
não sei que ímpias palavras de vanglória;
irada, Ártemis reteve a armada grega
e estipulou como resgate necessário
da corça morta por meu pai no bosque santo

o sacrifício ali de sua própria filha.
Foi condição imposta pela deusa casta
para tornar a expedição realizável,
tanto na ida como no retorno à Grécia.
Depois de muito relutar, desesperado,
meu pai sacrificou-a, não por Menelau.
Mas vou pensar por um momento como tu;
se para o bem de seu irmão ele a imolou
disso nasceu o teu direito de matá-lo?
Não viste que, criando semelhante lei,
ensejarias tua própria punição?
Se cada morte fosse castigada sempre
com outra morte, morrerias por vingança.
Não me convencem tão hipócritas desculpas,
pois crime mais infame inda praticas hoje:
convives como esposa com o celerado
que te ajudou a trucidar meu nobre pai;
tens filhos dele, e quanto aos teus primeiros filhos
— honrada prole de união abençoada —
tu os expulsas da mansão que lhes pertence!
Reputas dignas de elogios tais ações?
Vingas também a filha agindo dessa forma?
Se é esta a tua idéia, perdeste a vergonha!
Podes amar um inimigo por vingança?
Nem um conselho posso dar-te; não permites;
irás dizer que falo mal de minha mãe,
mas eu te considero menos mãe que algoz,
tão grandes são os males que me fazes hoje
para maior prazer de Egisto, teu comparsa.
Orestes, que de tuas mãos salvei a custo,
vive distante a vida inglória de exilado.
Acusas-me freqüentemente de o ter salvo
para punir mais tarde teu nefando crime;
assim faria se pudesse, tem certeza!
Aponta-me aos micênios como desleal,
como atrevida, até despudorada, ou mais,
pois se sou bem dotada dessas “qualidades”

recebi-as de ti; sou digna de teu sangue!

CORIFEU

Ela respira ódio e nem sequer lhe importa
saber se está ou não do lado da justiça.

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se ao CORIFEU.*

Que punição merece esta mulher? Insulta
desta maneira insólita a mãe idosa…
Não a julgas capaz de, sem hesitação,
chegar a extremos de torpeza inda piores?

ELECTRA

Tenho vergonha disto, embora não me creias;
não sendo mais criança ajo deste modo,
mas induzida por teus péssimos exemplos;
o mau procedimento faz proceder mal.

CLITEMNESTRA

Desrespeitosa criatura! Quanto assunto
te dão minhas palavras e minhas ações!…

ELECTRA

As más ações são tuas e as palavras más;
apenas a censura é minha; não estranhes,

CLITEMNESTRA

Por Ártemis! Há de custar-te muito caro
o atrevimento! Egisto te castigará!

ELECTRA

Viste? Permites-me falar e logo cedes
ao ódio habitual e me fazes calar!

CLITEMNESTRA

Depois de tanto abuso à minha permissão
pretendes impedir à custa de impropérios
que eu leve minhas oferendas ao defunto?

ELECTRA

Sou eu quem pede; vai, perfaze então os ritos;
esquece meus protestos; nada mais direi.

*CLITEMNESTRA dirige-se ao altar de Apolo com uma criada.*

CLITEMNESTRA

Ergue, criada, a dádiva de muitos frutos;
é hora de pedir ao deus que me liberte
de meus temores, tenham fundamento ou não.
Apolo protetor! Escuta as minhas súplicas
e sê benevolente se eu não for explícita!
Tenho inimigos e seria perigoso
expor meu pensamento com total clareza
sabendo que ela está perto de teu altar[28];
levada pela ira e por maledicência
ela divulgará pela cidade toda
rumores pérfidos. Terei de ser discreta.
Se for para meu bem, Apolo, concretiza
a singular visão que tive em sonho dúbio.
Mas se o inverso for verdade e anunciar
desastres iminentes, faze-os recair
inteiramente sobre nossos inimigos!
E se algum deles pensa mesmo em usurpar
o meu poder presente, não lhe dês apoio!
Peço-te a graça, deus, de sempre ser senhora
do cetro dos Atridas e de seus domínios,

vivendo bem com meus amigos atuais
e com meus filhos que não sintam pela mãe
nem desamor nem rancorosa prevenção!
Exalça, Apolo, minhas preces ansiosas
e acolhe minhas pretensões; elas são justas.
Quanto ao que tenho de calar, és deus, Apolo,
e facilmente poderás adivinhar;
tudo se evidencia aos filhos do bom Zeus.

*Entra o PRECEPTOR, dirigindo-se às mulheres do CORO.*

PRECEPTOR

Salve, senhoras! Estou certo imaginando
que este palácio é do famoso rei Egisto?

CORIFEU

Exatamente, forasteiro. É este mesmo.

PRECEPTOR

E porventura sou sagaz conjecturando
que esta senhora tão altiva é Clitemnestra?
Há muita majestade no seu porte nobre.

CORIFEU

Pensaste bem; é ela mesma, forasteiro.

PRECEPTOR

Salve, rainha! Trago-te notícias boas
e também para Egisto; manda-me um amigo.

CLITEMNESTRA

Acolho-te cordialmente, forasteiro,
mas gostaria de saber antes de tudo

o nome de quem te mandou até aqui.

PRECEPTOR

Seu nome é Fanoteu, rei da distante Fócida;
fui incumbido de cumprir grave missão.

CLITEMNESTRA

Qual, estrangeiro? Dize! Vinda de um amigo,
será sem dúvida agradável a mensagem.

PRECEPTOR

Em síntese, teu filho Orestes está morto.

ELECTRA

Ai! Que terrível dor! Agora estou perdida!

CLITEMNESTRA

Que dizes, forasteiro? Não lhe dês ouvidos!

PRECEPTOR

Se perguntas, repito: Orestes está morto.

ELECTRA

Pobre de mim! Nada mais sou! Estou perdida!

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se a ELECTRA.*

Cuida de ti somente! Não nos importunes!

*Dirigindo-se ao PRECEPTOR.*

Dize-me, forasteiro: como foi a morte?

PRECEPTOR

Fui enviado para isso; direi tudo.
Orestes foi aos renomados Jogos Píticos[29],
glória de toda a Hélade; com voz solene
o arauto apregoou tonitruantemente
o percurso pedestre — a prova inicial.
Teu filho apresentou-se lépido e brilhante,
maravilhando todos os espectadores;
correu e conquistou os louros da vitória.
Para dizer-te tudo em mínimas palavras,
jamais vi homem cujos feitos e triunfos
pudessem comparar-se aos dele nas disputas.
Em todas as competições anunciadas
(no duplo curso, no pentatlo, nas corridas)
ele foi o vitorioso incontestável.
O público o considerava felicíssimo,
ovacionando Orestes, filho de Agamêmnon
outrora comandante dos soldados gregos.
As duras provas transcorriam normalmente,
mas quando os deuses nos enviam infortúnios
nem mesmo os fortes são capazes de evitá-los.
No dia subseqüente, logo após a aurora,
teu filho retornou com novos adversários
para a competição dos carros mais velozes;
um era aqueu, outro espartano; dois da Líbia[30]
apresentaram-se com carros adornados;
Orestes era o quinto, com seus corcéis téssalos[31];
e veio o sexto com dois alazões etólios[32];
seguia-se na linha de partida Magnes;
era eniano o próximo competidor,
com seus corcéis imaculadamente brancos;
vinha de Atenas celebérrima o penúltimo
e o derradeiro concorrente era tebano[33].
Imóveis nos lugares predeterminados,

os carros aguardavam prontos o sinal;
ao toque nítido do estrídulo clarim
partiram todos incitando seus cavalos.
Na pista cheia elevava-se o estrépito
dos carros ruidosos em competição;
nuvens de denso pó subiam pelos ares;
brandiam aguilhões os hábeis condutores,
tentando cada um ultrapassar os outros;
em suas costas os corcéis resfolegavam
e relinchavam espumando nos seus flancos.
Orestes conduzia o leve carro célere
na faixa interna da pista ensurdecedora,
quase tocando nas balizas de contorno
a cada volta pelo extremo do percurso;
ele soltava as rédeas do corcel de fora,
enquanto procurava refrear o outro.
Desenrolava-se a corrida normalmente
mas num instante os dois corcéis desenfreados
do auriga eniano dispararam incontidos
na sexta volta, já bem próximos da sétima,
e o carro, ziguezagueando, foi chocar-se
contra os cavalos de um dos concorrentes líbios;
em conseqüência sucederam-se os desastres;
os carros se chocavam e desmantelavam-se,
despedaçando-se com pavoroso estrépito;
era pequeno o hipódromo para conter
os montes dos destroços do desastre hípico.
O competente condutor ateniense
pôde esquivar-se a custo, deixando passar
aquela sucessão de carros e cavalos.
Vinha por último teu filho, refreando
seus rápidos corcéis, poupando-os para o fim;
mas, ao ver que de tantos apenas restava
um dos competidores, incitou aos gritos,
na ânsia da vitória, os animais indóceis.
Os carros disparados iam empatados
e ora sobressaía um dos competidores,

ora o rival, na confusão vertiginosa.
Quando na volta extrema o infeliz Orestes
chegou mais perto da baliza de contorno
que transpusera tantas vezes sem tocar,
soltou as rédeas tensas do corcel da esquerda,
mas passou próximo demais; uma das rodas
bateu na aresta da baliza e despregou-se.
Orestes foi lançado fora de seu carro,
emaranhado nas rédeas de couro forte;
os dois cavalos, arrastando o corpo atado
desabalaram soltos pela pista afora.
A multidão gritou ao vê-lo acidentado
e lamentou o desenlace tão funesto
para teu filho, que vencera tantas provas
e estava ali caído e ia pelo chão
aos trambolhões; penalizado, um condutor,
contendo com dificuldade seus dois potros,
pôde soltar o corpo, tão ensangüentado
e mutilado que nem os amigos íntimos
foram capazes de reconhecer o morto.
Após o trágico acidente incineraram
o corpo de teu filho numa simples pira[34].
Trazemos-te, senhora, em urna brônzea, as cinzas,
restos mortais daquele poderoso corpo;
aqui terão as merecidas honras fúnebres.
Findou a descrição fiel, triste de ouvir
(se pode haver tristeza apenas em palavras);
mas o desastre visto foi muito mais triste.

CORIFEU

Agora extingue-se definitivamente
a raça régia dos senhores desta terra!

CLITEMNESTRA

Ah! Zeus! Que vou dizer destas notícias — boas?

Ou tristes mas convenientes? Dura sorte!…
Salvam-me a vida minhas próprias desventuras…

PRECEPTOR

É causa de consternação minha mensagem?

CLITEMNESTRA

Há um poder estranho na maternidade…
As mães jamais conseguem odiar os filhos,
nem quando maltratadas pelos mais perversos…

PRECEPTOR

Então fiz a longa jornada inutilmente?

CLITEMNESTRA

Inutilmente, não; por que inutilmente
se trazes a confirmação da morte dele?
Sim, dele que nasceu de minha própria alma
e se afastou de mim, da mãe que o concebeu,
e se refugiou em terras estrangeiras!
Depois de desterrar-se nunca mais o vi;
apenas ocupava-se de incriminar-me
e de acenar-me com seguidas ameaças,
tantas e tais que nem de noite nem de dia
pousava em minhas pálpebras o leve sono;
aniquilavam-me temores incessantes.
Mas a partir de agora sinto-me liberta
do medo dele e da perniciosa irmã,
que suga o próprio sangue de minha existência;
enfim irei viver em paz, apesar dela!

ELECTRA

*Que desde o início da descrição do* PRECEPTOR *ficara caída no*

*chão, imóvel.*

Ai! Infeliz de mim!… O teu destino, irmão,
foi tão impiedoso e inda serves de alvo
a torpes recriminações de tua mãe!
O que já ia bem passou a ir melhor[35]…

CLITEMNESTRA

Tu, não, mas teu irmão vai bem lá onde está.

ELECTRA

Não ouves a blasfêmia, Nêmesis do morto[36]?

CLITEMNESTRA

Tudo ela ouve e tudo arranja a seu alvitre.

ELECTRA

Insulta! Nessa luta coube-te a vitória!…

CLITEMNESTRA

E dela não me privarás, nem tu, nem ele!

ELECTRA

Nem eu nem ele poderemos silenciar-te…

CLITEMNESTRA

*Dirigindo-se ao PRECEPTOR e apontando para ELECTRA.*

Se conseguisses refrear a sua língua
terias boa recompensa, forasteiro.

PRECEPTOR

Cumpri minha missão; regressarei, senhora.

CLITEMNESTRA

Ainda não! Se te deixasse ir agora
a recepção seria indigna de mim mesma
e de teu amo Fanoteu, que te mandou;
convido-te cordialmente a entrar; deixemo-la.

*CLITEMNESTRA e o PRECEPTOR dirigem-se ao palácio.*

ELECTRA

Parece-vos aflita esta perversa mãe
e compungida com a morte de seu filho?
Pois ela estava rindo! Ai! Infeliz de mim…!
Orestes muito amado! Matas-me, morrendo…!
Levaste quando foste às minhas esperanças
— que viverias e mais tarde voltarias
para vingar-me e a nosso pai. Mas ai de mim…!
A quem pedir auxílio? Só, sem ti, sem pai…
Terei de conformar-me com a fatalidade:
viver submissa aos assassinos de Agamêmnon.
Belo porvir!… Mas juro que prefiro a morte
a ter de conviver ainda com tal gente!
Deixar-me-ei ficar assim, fora das portas,
e só, consumirei a vida sem amigos.
Matem-me os assassinos se lhes sou hostil!
Se a vida é insuportável prefiro morrer!

CORO

Onde se escondem os raios de Zeus?
Onde se oculta o sol com seu fulgor?
Os deuses inda se comoverão?

ELECTRA

Ai! Ai de mim!…

CORIFEU

Não te lamentes tanto! Por que choras, filha?

ELECTRA

Só tenho lágrimas e me provocas…

CORIFEU

Por quê?

ELECTRA

Falas dos deuses, dando-me esperanças
quanto aos que já estão em outro mundo…

CORO

O rei Anfiarau — sabemos todas[37] —
foi vítima da sanha feminina,
mas hoje, nas profundezas da terra…

ELECTRA

Ai! Ai de mim! Como sou infeliz…!

CORO

… reina depois de ter ressuscitado!

ELECTRA

Ai! Ai de mim!

CORO

Sim! Ai de ti! Aquela mulher pérfida…

ELECTRA

… foi morta!

CORO

Sim, foi morta!

ELECTRA

Surgiu o vingador de Anfiarau,
mas para mim nenhum se mostrará;
rouba-me a morte aquele que viria…!

CORO

Revives mágoas incessantemente.

ELECTRA

Sei disso muito bem, amigas minhas;
é um fluxo constante de tristezas
terríveis, tenebrosas, incessantes…

CORO

Vemos correrem sempre as tuas lágrimas.

ELECTRA

Deixai-me, então, com elas, pois não posso…

CORO

Que dizes?

ELECTRA

… não posso mais viver entre ilusões
de que virá um dia meu irmão,
a última semente de meu pai…!

CORO

Um dia chega o fim de todos nós…

ELECTRA

Mas terminar assim, morrer assim,
levado por corcéis desenfreados,
emaranhado em rédeas retesadas?

CORO

Descomunal desastre! Morte horrível!

ELECTRA

Morrer longe de mim, de minhas mãos…

CORO

Desventurado Orestes! Ai de ti!

ELECTRA

… sem meus cuidados, sem as minhas lágrimas…

*Entra CRISÔTEMIS correndo.*

CRISÔTEMIS

Grande alegria faz-me vir correndo, irmã[38],
e minha pressa tira-me a moderação.
Sou portadora de agradáveis novidades
que hão de acabar com tuas muitas amarguras!

ELECTRA

Trouxeste algum alívio para minhas mágoas?

CRISÔTEMIS

Orestes já voltou! Eis a pura verdade!

ELECTRA

Perdeste o senso? Zombas de nossa desgraça?

CRISÔTEMIS

Não! Pelo túmulo de nosso pai, não zombo!
Estou mais que segura da presença dele!

ELECTRA

Pobre de mim!… Quem transmitiu essa notícia
em que acreditas pressurosa, minha irmã?

CRISÔTEMIS

Não creio por ouvir dizer, mas por ter visto.
As provas são cabais; não posso duvidar.

ELECTRA

Serão de fato convincentes essas provas?
Deves ter visto coisas realmente sérias;
estás excitadíssima, ou mesmo insana!

CRISÔTEMIS

Irás saber se sou sensata ou sou insana
quando me permitires relatar os fatos.

ELECTRA

Se gostas de contar histórias, fala, irmã…

CRISÔTEMIS

Então escuta bem. Quando me aproximei
do túmulo de nosso pai, vi oferendas,
vi leite recém-derramado em quantidade,
caindo sem parar da lápide no chão;
e vi também ramos de folhas inda frescas.
Fiquei atônita, mas consegui conter-me
e olhei atenta para um lado e para o outro,
tentando descobrir quem estivera lá;
vendo tudo tranqüilo nas proximidades,
criei coragem, avancei para mais perto
e percebi na lápide distintamente
cabelos louros em anéis inda viçosos.
Ao contemplá-los uma imagem conhecida
configurou-se em minha mente, clara e nítida:
previu minha alma naqueles simples vestígios
a tão querida presença de meu irmão.
Com devoção e com ternura recolhi-os;
a voz faltou-me e lágrimas irreprimíveis
de intenso júbilo correram de meus olhos.
Senti então, e ainda sinto neste instante,
que eram de Orestes os cabelos encontrados.
Não sendo meus nem teus, de mais ninguém seriam.
Eu não os dei nem tu (e como poderias,
se não permitem que te afastes sem escolta
nem mesmo para reverenciar os deuses?);
o coração de nossa mãe não é afeito
a esses atos, nem ela os praticaria
longe de nossos olhos, sem ostentação.
Só podem ser de Orestes essas oferendas!
Sê corajosa, irmã! Os fados que nos seguem
de maus podem tornar-se bons e este momento
será talvez prenúncio de melhores dias!

ELECTRA

Quanta pena tenho de ti desde o princípio!…

CRISÔTEMIS

Por quê? Não te causa alegria o meu relato?

ELECTRA

Não sabes por que sonhos vagas, nem por onde!…

CRISÔTEMIS

Mas devo duvidar do que meus olhos viram?

ELECTRA

Orestes está morto — ai de nós! Com ele
morreram nossas esperanças infundadas;
em teus projetos já não podes incluí-lo.

CRISÔTEMIS

Quanta desgraça!… Tens certeza dessa morte?

ELECTRA

Testemunhou-a quem nos trouxe a má notícia.

CRISÔTEMIS

Não posso crer!… Mas, onde está o mensageiro?

ELECTRA

Lá dentro, junto à nossa mãe satisfeitíssima.

CRISÔTEMIS

Pobre de mim!… E quem teria então trazido
as oferendas abundantes de que falo?

ELECTRA

Alguém mandado por Orestes moribundo.

CRISÔTEMIS

Ai! Ai de mim! Vim exultante e tão depressa,
com as novidades que julgava tão alegres
e finalmente um novo golpe nos atinge

ELECTRA

A tua história terminou, mas se me ouvires
talvez também acabem nossas amarguras.

CRISÔTEMIS

Será possível dar aos mortos vida nova?

ELECTRA

Não quero dizer isto. Julgas-me demente?

CRISÔTEMIS

Em tuas intenções incluis o meu auxílio?

ELECTRA

Sê corajosa, irmã, e apóia-me em meus planos!

CRISÔTEMIS

Conta comigo se for útil minha ajuda.

ELECTRA

Deves saber que nada é feito sem esforço.

CRISÔTEMIS

Irei até onde chegarem minhas forças.

ELECTRA

Vais conhecer, então, as minhas intenções[39].
Amigos, hoje sabes que não temos mais;
a morte exterminou-os; nós estamos sós.
Enquanto Orestes era vivo e prosperava,
tínhamos esperanças de vê-lo voltar
para vingar a morte do finado pai;
agora, todavia, após a morte dele,
só tu me restas e terás de auxiliar-me
a exterminar Egisto, algoz de nosso pai;
entre nós duas já não haverá segredos.
Por quanto tempo ainda ficarás inerte?
Ainda nutres quaisquer outras esperanças?
Hás de chorar quando te vires despojada
dos bens deixados por teu pai; e chorarás
quando sentires que jamais terás esposo.
Aguardarás inutilmente as tuas núpcias,
pois Egisto jamais permitirá que nasça
um filho teu ou meu para depois temê-lo.
Se resolveres aceitar os meus conselhos,
demonstrarás amor a Orestes e a teu pai
e recuperarás a liberdade antiga;
condignos pretendentes não te faltarão,
pois todos dão valor às naturezas nobres.
Pensa na fama imorredoura que há de vir
para ti mesma e para mim se me seguires.
Parece até que estou ouvindo desde agora
as expressões de conterrâneos e estrangeiros
elogiando-nos, unânimes, ao ver-nos:
“Olhai, amigos, as irmãs que, sós e frágeis,

salvaram a casa paterna ameaçada!
Seus inimigos, firmes no poder, mandavam,
mas elas, insensíveis a todos os riscos,
mataram-nos, vingando a morte de seu pai!
São ambas dignas de respeito e de homenagens
e onde as notar o povo há de prestar-lhes sempre
o preito de honra compatível com a bravura!”
Freqüentes vezes ouviremos tais palavras
e glória não nos faltará, vivas ou mortas.
Vamos, amiga! Unamo-nos! Tem fé em mim!
Irás lutar por teu irmão e por teu pai
e aliviar teus males e pôr fim aos meus!
Só os covardes podem viver desonrados!

CORIFEU

Em horas como a que viveis, a sensatez
é proveitosa a quem escuta e a quem fala.

CRISÔTEMIS

*Dirigindo-se ao CORO.*

Concordo, amigas; se ela fosse precavida
não falaria com tamanha indiscrição.

*Dirigindo-se a ELECTRA.*

Não podes esperar ajuda alguma, irmã,
e ainda ages com destemperada audácia
e incitas-me a seguir-te em teus ousados planos?
Ainda ignoras que és mulher, que não és homem,
e tua força é bem menor que a força deles,
e que a fortuna de teus inimigos cresce
enquanto a nossa cai e se reduz a nada?
Quem poderá manter-se vivo por mais tempo
tramando a queda de tão fortes adversários?
Se alguém ouviu tuas palavras, novos males

teremos de sofrer, maiores e piores.
Em que nos aproveitará morrer agora
se só depois de mortas nos aplaudirão?
Pior que a morte é desejar fugir do mundo,
da vida insuportável, e ter de viver!
Imploro, irmã, antes que seja exterminada
a nossa raça inteira; não odeies tanto!
Serei discreta para que tuas palavras
não tenham conseqüências tristes; sê prudente,
embora tarde, obedecendo a teus senhores!

CORIFEU

Escuta! Nada é mais benéfico aos mortais
do que prever e conduzir-se com prudência.

ELECTRA

Não me causam espanto estas ponderações;
Já esperava pela tua negativa.
Pois seja! Assumirei então os riscos todos,
e só! Minha resolução é inabalável!

CRISÔTEMIS

Por que não demonstraste a mesma decisão
quando meu pai morreu? Que não terias feito!…

ELECTRA

Não era diferente a minha natureza,
mas meu espírito não amadurecera.

CRISÔTEMIS

Melhor seria se ele estivesse imaturo…

ELECTRA

Não contarei contigo; poupa tuas forças.

CRISÔTEMIS

Não contes; pode ser funesto o resultado.

ELECTRA

De minha parte não escutarás louvores.

CRISÔTEMIS

Não jures; muito tempo ainda passará…

ELECTRA

Retira-te! Não há boa vontade em ti!

CRISÔTEMIS

Enganas-te. Não dás ouvidos ao bom senso.

ELECTRA

E quando fores, conta tudo à tua mãe!

CRISÔTEMIS

Por quê? Não sinto o mínimo rancor por ti.

ELECTRA

Como não sentes se me queres desonrada?

CRISÔTEMIS

Desonra, não! Somente penso no teu bem.

ELECTRA

Devo fazer apenas o que julgas justo?

CRISÔTEMIS

Quando fores sensata poderás guiar-nos.

ELECTRA

Que lástima falar tão bem e agir tão mal!…

CRISÔTEMIS

Descreves muito bem as tuas próprias faltas.

ELECTRA

Como? Não te pareço falar justamente?

CRISÔTEMIS

Às vezes a justiça opõe-se à conveniência.

ELECTRA

Não desejo viver sujeita a estas leis.

CRISÔTEMIS

Segue teus planos; logo me darás razão.

ELECTRA

Segui-los-ei; não me farás retroceder.

CRISÔTEMIS

Insistes? Não irás mudar de pensamento?

ELECTRA

Mudar de idéia é um péssimo defeito!

CRISÔTEMIS

Discordas sempre do que digo! Não transiges!

ELECTRA

É inabalável minha deliberação.

CRISÔTEMIS

Então vou retirar-me; não queres ouvir-me
e quanto a mim jamais aprovarei teus planos.

ELECTRA

Pois vai! Agora nossos rumos são diversos;
foi vão o meu esforço para convencer-te.

CRISÔTEMIS

Tens na mais alta conta a tua sensatez.
Conserva-te sensata como te imaginas;
Dirás nas horas tristes a quem falta o senso.

CORO

Quando vemos os pássaros alígeros[40]
nutrindo, cuidadosos, por instinto,
os mais idosos que antes os criaram,
por que não nos quitamos dessa dívida
com devoção pelo menos igual?
Não! Pelos raios fúlgidos de Zeus
e pela etérea Têmis justiceira [41]
não ficarão impunes os ingratos!
Rumor recôndito que vais aos mortos[42]!
Leva nosso piedoso grito ao túmulo

do Atrida, ilustre vencedor de Tróia[43],
mensagem triste em tom desalentado;
dize-lhe que periga a sua raça
enquanto entre as herdeiras de seu sangue
luta renhida põe em risco a paz
dos dias plácidos! Electra, só,
abandonada, enfrenta a tempestade,
banhada em lágrimas inesgotáveis
como se fosse um rouxinol plangente,
chorando seu infortunado pai!
A própria morte não te causa medo;
ela descuida até de sua vida
na ânsia de matar as duas Fúrias[43a].
Existirá criatura mais nobre?
Nenhuma alma pura quererá
deixar depois de si um nome vil
por preferir uma existência indigna,
incompatível com a boa fama.
Estás agindo heroicamente, filha,
tu, que preferes o pranto sem fim
à convivência com a desonra ignóbil.
Merecerás louvores redobrados
como a mais santa e a melhor das filhas!
Conceda o céu que ainda te vejamos
no auge do poder e da riqueza,
mais forte que teus inimigos pérfidos
em vez de ser humilhada por eles!
Agora tua vida não é próspera;
só não te falta o reconhecimento
pela fidelidade incontestável
às mais sublimes leis da natureza
e pelo culto a Zeus onipotente!

*Entra* ORESTES *seguido por* PÍLADES *e dois criados.*

ORESTES

*Dirigindo-se ao CORO.*

Senhoras, fomos porventura bem guiados[44]
e estamos caminhando para nossa meta?

CORIFEU

Quem tu procuras e com que desejos vens?

ORESTES

É meu desejo ir ao palácio ver Egisto.

CORIFEU

Então andaste bem e foi bom o teu guia.

ORESTES

E quem de vós irá dizer aos lá de dentro
que já chegou a comitiva anunciada?

CORIFEU

*Apontando para ELECTRA.*

Vá esta, então; é a mais próxima parenta.

ORESTES

*Dirigindo-se a ELECTRA.*

Pois vai, senhora, e leva-lhe nossa mensagem:
somos foceus e desejamos ver Egisto[45].

ELECTRA

Pobre de mim! Vieste confirmar, sem dúvida,
rumores já ouvidos há poucos momentos.

ORESTES

Nada sabemos de rumores; rei Estrófio[46]
mandou-nos vir com novidades sobre Orestes.

ELECTRA

E quais são elas, forasteiro? Tenho medo…

ORESTES

*Apontando para uma urna que os criados trazem.*

Trazemos nesta urna de pequeno porte
os restos diminutos… Como vês, morreu…

ELECTRA

Que horror! Tenho diante de meus próprios olhos,
em vossas mãos, a prova de minha desgraça!…

ORESTES

Se te comove a sina do coitado Orestes,
encontrarás os restos dele nesta urna.

ELECTRA

Estando aí os restos, deixa-me, senhor[47]
tomá-la em minhas mãos, chorar e lamentar
não só as cinzas dele mas a mim também
e a uma raça toda agora agonizante!

ORESTES

*Dirigindo-se aos criados.*

Trazei-a, servos, e entregai-a a esta dama;
não sei quem é, porém se tanto se condói

ou foi amiga ou é parenta do finado.

*Os criados entregam a urna a* ELECTRA.

ELECTRA

Ah! última recordação do muito amado[48],
relíquia lastimável da vida de Orestes!
Quão diferente das sentidas esperanças
com que te vi partir regressas nesta urna!
Que recebo nas mãos neste momento? Nada!
E quando foste, irmão, estavas tão formoso…
Ah! Quem me dera ter morrido, antes de ver-te
seguir para remotas regiões!… Livrei-te
com estas minhas mãos e te salvei da morte,
mas, para quê? Naquele dia morrerias
e jazerias no sepulcro de teu pai.
Quis o destino que, longe do lar, da pátria,
longe de mim, morresses desgraçadamente!…
E minhas mãos não compuseram teu cadáver,
nem recolheram, piedosas, tuas cinzas;
Trazido por estranhas mãos, vens reduzido
a uns restos mortais de cinza e nada mais!
Ah! Infeliz de mim por meus cuidados vãos,
motivos de freqüentes e doces fadigas!
Jamais a tua mãe te amou como te amei,
e com desvelo igual ninguém cuidou de ti;
(chamaste-me de irmã querida tantas vezes!…)
Levaste quando foste as nossas esperanças;
meu pai morreu; morreste, irmão! Morro contigo!
Mas nossos inimigos estão rindo! A mãe
que nada tem de mãe quase perdeu o senso,
tão satisfeita está com tua morte, Orestes!
E pretendias castigá-la em teu regresso!…
Mas este trágico destino teu e meu
destruiu tudo e chegam-me de volta agora
apenas estas cinzas e desilusões

em vez de tua esperadíssima presença!…

*ELECTRA começa a chorar.*

Ai! Infeliz de mim! Tristes despojos[48a]!
Ai! Ai de mim! Quanta infelicidade!
Dura separação, fatal viagem
a que te expus para meu desespero!
Apenas desespero, irmão querido!
Leva-me, Orestes, desta vida horrível,
a mim, que nada sou, para teu nada,
onde eu possa afinal ficar contigo
por toda a eternidade! Enquanto vivos,
nosso destino sempre foi igual;
compartilhemos hoje o mesmo túmulo,
pois só depois da morte as mágoas cessam!

*ELECTRA chora convulsivamente.*

CORIFEU

Teu nobre pai, Electra, era mortal; ou não?
Orestes também era; por que choras tanto
se todos vamos ter um dia o mesmo fim?

ORESTES

Não posso dominar-me!… Tenho de falar[49]!
Já não consigo impor silêncio à minha boca!

ELECTRA

*Mais calma.*

Que falas? Algo te perturba, forasteiro?

ORESTES

Ah! Dize-me, senhora: teu nome é Electra?

ELECTRA

Este é o nome da muito infeliz que sou…

ORESTES

Lamento imensamente tanta desventura!…

ELECTRA

Será mesmo de mim que te condóis, senhor?

ORESTES

Devem ser grandes tuas penas. Sinto muito[50]…

ELECTRA

Tuas palavras cabem-me como a ninguém.

ORESTES

Destino amargo!… Sem esposo… Desditosa …

ELECTRA

Por que te mostras comovido, forasteiro?

ORESTES

Não tinha consciência de meus próprios males…

ELECTRA

E como percebeste isso neste instante?

ORESTES

Vendo teus sofrimentos, tantos e tão grandes.

ELECTRA

Pois vês pequena parte de minhas desgraças.

ORESTES

Existirão ainda outras, e piores?

ELECTRA

Existem; forçam-me a viver com os assassinos.

ORESTES

De que assassinos falas? Quem eles mataram?

ELECTRA

Meu pai. E mais ainda: sou escrava deles!

ORESTES

Quem te sujeita a tão cruel constrangimento?

ELECTRA

Dão-lhe o nome de mãe, mas das mães nada tem.

ORESTES

Como procede? É rude? Priva-te de quê?

ELECTRA

É rude, priva-me de tudo e atormenta-me.

ORESTES

Não há quem possa socorrer-te e moderá-la?

ELECTRA

Aqui estão as cinzas de quem poderia.

ORESTES

Ah! Infeliz! É tão penoso ver-te assim!…

ELECTRA

Pois ouve: apenas tu tens compaixão de mim.

ORESTES

Porque somente a mim me tocam tuas mágoas.

ELECTRA

Serás alguém de nossa raça, porventura?

ORESTES

*Apontando para as mulheres do* CORO.

ORESTES

Responderia, se todas fossem amigas[51].

ELECTRA

Mas são amigas, sim, e todas devotadas!

ORESTES

Responderei, então, mas põe de lado a urna.

ELECTRA

*Apertando a urna contra o peito.*

Não! Pelos deuses, forasteiro! Isto não!

ORESTES

Confia em mim e tudo ficará melhor!

ELECTRA

Suplico-te! Não me tires o que mais quero!

ORESTES

Não deves insistir em tê-la junto a ti.

ELECTRA

*Dirigindo-se à urna.*

Serei ainda mais desventurada, Orestes,
se não me permitirem sepultar-te as cinzas!

ORESTES

Evita maus agouros e não chores mais!

ELECTRA

Devo cessar de lamentar meu irmão morto?

ORESTES

Não uses tais palavras a respeito dele!

ELECTRA

Julgas-me então indigna de falar do morto?

ORESTES

Indigna de ninguém!

*Apontando para a urna.*

Mas isto não é nada[52].

ELECTRA

É muito, se contém as cinzas de um irmão!

ORESTES

Mas não contém; tudo foi pura encenação.

*ORESTES tira gentilmente a urna das mãos de ELECTRA.*

ELECTRA

Então onde é a tumba do infeliz Orestes?

ORESTES

Em parte alguma; os vivos não têm sepultura.

ELECTRA

Que me dizes, menino[53]?

ORESTES

Digo-te a verdade.

ELECTRA

Então ele inda vive?

ORESTES

Não pareço vivo?

ELECTRA

És ele?

ORESTES

Sou. Observa bem este sinete[54],
outrora de meu pai, e dize se não sou!

ELECTRA

Bendito dia!

ORESTES

Mais ainda para mim!

ELECTRA

É esta a tua voz?

ORESTES

Só esta escutarás!

ELECTRA

*Abraçando ORESTES.*

Tenho-te então nos braços?

ORESTES

Terás para sempre!

ELECTRA

*Dirigindo-se ao CORO.*

Amigas minhas! Eis Orestes! Contemplai-o!
Fingindo-se de morto, ei-lo afinal de volta,
vivo e saudável, graças a seu fingimento!

CORIFEU

Estamos vendo, filha, e por esta ventura
choramos incontidas lágrimas de júbilo!

ELECTRA

Filho de um pai extremamente amado[55],
chegaste aqui de volta finalmente!
Vieste, achaste e viste quem querias!

ORESTES

Este era o meu desejo, mas guarda silêncio!

ELECTRA

Por quê?

ORESTES

Calemos ambos; alguém pode ouvir-nos.

ELECTRA

Não! Pela deusa virgem! Não! Por Ártemis!
Não há motivos para recearmos
mulheres indolentes confinadas
lá no palácio, simples peso inútil!

ORESTES

Não deves esquecer, porém, de que há mulheres
de espírito viril, e tu és uma delas.

ELECTRA

Ouvindo-te falar vem-me à memória
a imensidade de meu infortúnio
indisfarçável e nunca esquecido…

ORESTES

São óbvios teus motivos; no momento próprio
serão rememorados esses fatos tristes.

ELECTRA

Mas todos os momentos — todos, sim! —
seriam próprios para meus queixumes.
Quase não tive até o teu retorno
meus lábios livres para os expressar.

ORESTES

Concordo, mas resguarda tua liberdade.

ELECTRA

Dize-me, então, o que devo fazer.

ORESTES

Não fales muito, pois seria inoportuno.

ELECTRA

Como trocar a voz pelo silêncio
se regressaste enfim a teu palácio?
Como calar, agora que te vejo,
quando já nem pensava, nem sonhava?

ORESTES

Pois já me tens; só hoje os deuses permitiram.

ELECTRA

Ouvindo-te dizer que retornaste
mandado pelos deuses, rejubilo-me;
estás de volta por favor divino.

ORESTES

Custa-me cercear o teu contentamento,
mas estas efusões podem causar desgosto.

ELECTRA

Tardaste muito a devolver-me a paz
com teu regresso à nossa terra; agora…

ORESTES

Que fiz?

ELECTRA

Não me roubes este consolo
tão doce! Não me obrigues a deixar-te!

ORESTES

Mas nem forçado eu te abandonaria, Electra!

ELECTRA

Atendes-me?

ORESTES

E por que não te atenderia?

ELECTRA

*Dirigindo-se ao CORO.*

Ouvi, amigas minhas, uma voz
que julgava calada para sempre;
como manter contidas, nesta hora,
as emoções, sem gritos de alegria?

*Dirigindo-se a ORESTES.*

Sofri demais, mas hoje estás comigo!
Desfruto a claridade, meu irmão,
dessa tua presença tão querida
que sempre aparecia à minha mente,
mesmo no auge de meu desespero.

ORESTES

Evita todas as palavras dispensáveis;
não fales dos crimes cruéis de nossa mãe;
omite as prodigalidades de seu cúmplice,
Egisto, dilapidador de nossos bens;
a descrição consumiria muito tempo.
Fala, antes, de coisas que nos favoreçam
na pronta realização de nossos planos:
onde nos mostraremos ou esconderemos?
Qual a maneira mais segura de pôr fim
à torpe usurpação de nossos inimigos?
Cuidado! Se não conseguires dominar-te,
quando chegarmos ao palácio com a urna
nosso segredo se exporá à tua mãe
em teu semblante alegre; ensaia algum lamento
pelo falso desastre que lhe relataram;
teremos tempo, após a próxima vitória,
para manifestar o nosso regozijo.

ELECTRA

Tudo se passará como mandaste, irmão[56];
o meu contentamento é teu, não me pertence;
nem o maior dos bens seria desejável
à custa do menor transtorno para ti;
não fosse assim, eu estaria sendo ingrata
aos deuses poderosos, nossos protetores.
Já sabes como vão as coisas por aqui?
Egisto se ausentou, mas volta ainda hoje,
e nossa mãe está lá dentro, mas não temas
que em hora alguma eu lhe apareça sorridente;
meu ódio antigo permanece inalterado.
Apresentar-me-ei com lágrimas nos olhos
porque também se chora de alegria, Orestes.
Parece-te excessivo o meu contentamento?
Não devo estar alegre se num mesmo dia
primeiro regressaste morto e depois vivo?
Tanta perplexidade tudo isto causa
que se eu visse voltar meu pai, ressuscitado,
não descreria nem assim de meus sentidos;
a tua vinda não foi menos milagrosa.
Dispõe de mim; ordena e obedecerei[57].
Ainda que faltasses eu já decidira:
matá-los-ia, mesmo só, ou morreria!

ORESTES

Silêncio, irmã! Alguém saiu lá do palácio!

*Aparece o PRECEPTOR, vindo do palácio.*

ELECTRA

*Dirigindo-se a ORESTES e PÍLADES.*

Vinde, estrangeiros, pois nesta missão bendita
ninguém irá dificultar os nossos passos,
nem mesmo os que tiverem de sofrer com isso.

PRECEPTOR

*Dirigindo-se a ELECTRA e a ORESTES.*

Crianças insensatas! Não prezais a vida?
Ou a temeridade não vos deixa ver
que vos achais já não direi apenas próximos
mas dentro da voragem de mortais perigos?
Não fossem meus cuidados os vossos projetos
decerto anteceder-vos-iam no palácio!
Mas felizmente fui capaz de proteger-vos.
Agora terminai essas falas sem fim,
os repetidos gritos de contentamento,
e entrai; não deve haver delongas nestas horas;
é tempo de levar a termo nossos planos.

ORESTES

Será propícia para mim a ocasião?

PRECEPTOR

Ninguém te reconhecerá; não há perigo.

ORESTES

Anunciaste a minha morte no palácio?

PRECEPTOR

És simples sombra para a gente lá de dentro.

ORESTES

Foi grande a alegria deles? Que disseram?

PRECEPTOR

Direi no fim; agora tudo marcha bem

lá dentro para nós, até o que vai mal.

ELECTRA

Podes dizer quem é este ancião, Orestes?

ORESTES

Não adivinhas?

ELECTRA

Não consigo descobrir…

ORESTES

Não lembras mais das mãos em que me depuseste?

ELECTRA

Que mãos? Que dizes?

ORESTES

As que outrora me levaram,
graças a ti, até os campos lá da Fócida.

ELECTRA

Será aquele mesmo que no dia horrível
da morte de meu pai foi meu único amigo?

ORESTES

Exatamente, mas não faças mais perguntas.

ELECTRA

Quanta ventura junta! Eis também de volta

o homem que evitou o fim de nossa raça!
És realmente o salvador de meu irmão
e meu também? Abençoadas mãos as tuas!
Mas, como conseguiste, servo fidelíssimo,
permanecer por tantas horas junto a mim
sem revelar quem eras nem dar um sinal
da luz que chega enfim ao meu destino negro,
e até amargurando-me com tuas fábulas
enquanto me ocultavas a melhor verdade?
Salve, meu pai, pois foste para mim um pai!
Bem-vindo sejas, mas no transcurso de um dia[58]
senti por ti rancor tão grande e tanto amor
quanto jamais sentira por nenhum mortal!

PRECEPTOR

Compreendo-te, mas pára; as coisas do passado
são tantas que dias seguidos, muitas noites
consumirei para poder contá-las todas.

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.*

Eis meu conselho quanto a vós: vamos agir!
Neste momento Clitemnestra está sozinha;
estão ausentes do palácio os homens todos
mas se vos demorardes tereis pela frente
não um casal apenas, porém inimigos
em muito maior número e mais destemidos.

ORESTES

Amigo Pílades, ouvimos o bastante;
entremos já! É hora da resolução!
Peçamos proteção aos deuses da família,
constantes defensores destas portas amplas.

*Entram ORESTES e PÍLADES pela porta central do palácio, levando a urna, seguidos pelo PRECEPTOR. ELECTRA continua fora.*

ELECTRA

Protege-os, Apolo! Ajuda-me também!
Ah! Quantas vezes vim depor em teu altar
piedosas oferendas, quase sempre humildes,
pois outras não podiam minhas mãos devotas!
Com todas as preces que sei, divino Apolo,
venho pedir-te, suplicar, rogar ansiosa:
sê-nos propício, apóia nossas intenções
e mostra aos ímpios o castigo merecido
que o céu inexoravelmente lhes envia!

*ELECTRA dirige-se também ao palácio.*

CORO

Avança agora a morte inexorável
querendo sangue! Acabam de transpor
as portas do palácio as negras Fúrias,
perseguidoras lentas mas fatais
da culpa tenebrosa! Em pouco tempo
tornar-se-á enfim realidade
a nítida visão de nosso espírito.
O núncio das soturnas divindades[59].
insinuou-se na morada muito antiga
de seus antepassados nobilíssimos,
tendo a morte cortante em suas mãos.
Hermes, o filho ardiloso de Maia[60],
dissimula nas sombras a cilada
e mostra o rumo; o fim já se aproxima!

*Reaparece ELECTRA, vinda do palácio.*

ELECTRA

Silêncio, amigas! Tudo se consumará
dentro de pouco tempo; fiquemos atentas.

CORIFEU

Que acontecerá?

ELECTRA

Ela cuida da urna
e das exéquias; eles estão a seu lado.

CORIFEU

Por que saíste?

ELECTRA

Espero o retorno de Egisto;
não queremos que volte sem ser pressentido.

CLITEMNESTRA

*Gritando de dentro do palácio.*

Ai! Ai de mim!
Vejo-me só e a casa cheia de assassinos!

ELECTRA

Alguém está gritando! Vós também ouvistes?

CORIFEU

Ouvimos… Temos medo… Ah! Se não ouvíssemos!…

CLITEMNESTRA

Estou perdida! Ai! Egisto! Onde estás?

ELECTRA

Gritam de novo, amigas minhas! Ouço os gritos!

CLITEMNESTRA

Matas quem te deu vida, Orestes? Ai! Meu filho!

ELECTRA

Tu não tiveste piedade ou compaixão
nem dele, nem de nosso pai que assassinaste!

CORO

Ah! Reino e raça malfadados! Ai!
Consuma-se neste momento exato
o fado que sempre nos perseguiu!

CLITEMNESTRA

Estou ferida!..

ELECTRA

Fere mais, Orestes! Fere!

CLITEMNESTRA

Ai! É a morte!…

ELECTRA

Assim pereça o teu Egisto!

CORO

As maldições ainda estão agindo!
Os enterrados vivem! Corre o sangue
pelo sangue que já se derramou,
sugado dos verdugos pelas vítimas!

CORIFEU

Eles já voltam. As mãos sangrentas gotejam
do sacrifício feito; não vou censurá-los.

ELECTRA

Orestes! Como foste?

ORESTES

Tudo marcha bem
se estão corretas as divinas profecias.

ELECTRA

A culpada morreu?

ORESTES

Não a receies mais;
já não te humilhará como antes Clitemnestra.

CORIFEU

Silêncio! Egisto se aproxima! Está chegando!

ELECTRA

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.*

Escondei-vos os dois!

ORESTES

Mas onde vês Egisto?

ELECTRA

Ali, muito contente e quase em nossas mãos!

CORIFEU

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.*

Voltai depressa e ocultai-vos no vestíbulo!
Sede felizes como até agora fostes!

ORESTES

Seremos; confiai!

ELECTRA

Então andai depressa!

ORESTES

Estamos indo!

ELECTRA

Cuidarei de tudo aqui.

*ORESTES e PÍLADES tornam a entrar no palácio.*

CORO

Será prudente recebê-lo agora
saudando-o com falsa gentileza;
desprevenido, ele perecerá
na trama da justiça pertinaz.

*Entra EGISTO.*

EGISTO

Onde estarão os estrangeiros recém-vindos

para dizer-nos que afinal morreu Orestes,
segundo afirmam, num desastre com seu carro?

*Dirigindo-se a* ELECTRA.

Tu mesma, com o teu orgulho e arrogância
(suponho que a notícia te atingiu de perto…),
indica onde? Certamente sabes! Onde?

ELECTRA

Eu sei… Não poderia deixar de saber,
pois preocupa-me o destino dos parentes…

EGISTO

Dize: que direção tomaram? Fala logo!

ELECTRA

Eles entraram no palácio há pouco tempo;
suponho que atingiram a fidalga dona[61]…

EGISTO

E confirmaram realmente a morte dele?

ELECTRA

Mais do que isto; trazem as provas da morte.

EGISTO

E poderei ver o cadáver? Onde está?

ELECTRA

Sim, podes. Não é dos melhores espetáculos…

EGISTO

Dás-me notícias agradáveis sem querer.

ELECTRA

Se tens motivos, solta as rédeas de teu júbilo!…

EGISTO

Abre de par em par, mas em silêncio, Electra,
as portas do palácio! Quero que os micênios
e todos os argivos vejam o cadáver[62]; 1460
se alguém ainda insiste em esperar a volta
de teu irmão, em face de tal evidência
há de curvar-se e aceitar o meu domínio,
antes de ser dobrado por castigo duro.

ELECTRA

Por mim, adoto a decisão mais ponderada[63]: 1465
vou ser prudente; seguirei o vencedor.

*ELECTRA abre a porta principal do palácio. ORESTES e PÍLADES vêm saindo. Empurram uma essa provida de rodas, sobre a qual está um cadáver coberto por um lençol, levando-a até onde está EGISTO.*

EGISTO

Bom Zeus! Meus olhos vêem uma cena agora
capaz de provocar inveja até nos deuses!
(Se houver blasfêmia em minhas expressões, renego-as!).

*Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.*

Tirai depressa o véu que lhe recobre o rosto! 1470
quero prestar-lhe o meu tributo de lamentos,
pois afinal de contas sou parente dele…

ORESTES

Retira tu o véu; repara no cadáver
e dize-lhe palavras ternas, se quiseres.

EGISTO

É bom conselho; aceito-o.

*Dirigindo-se a ELECTRA.*

Antes vai lá dentro
e chama Clitemnestra, se puderes vê-la.

ORESTES

Por que chamá-la se ela está perto de ti?

*EGISTO descobre o cadáver num gesto brusco.*

EGISTO

Não! Que vejo?

ORESTES

Tens medo? Estranhas este rosto?

EGISTO

Traição! No meio de que gente, em que cilada
eu vim cair?

ORESTES

Inda não percebeste, Egisto,
que os mortos — assim te expressavas — estão vivos[64]?

EGISTO

É muito tarde… Decifrei o enigma… E tu,
não podes ser senão Orestes são e salvo…

ORESTES

A percepção tardou; não és um bom profeta.

EGISTO

Estou perdido! Derrotado!… Ainda posso
dizer uma simples palavra?

ELECTRA

Pelos deuses!
Não lhe permitas, meu irmão, dizer mais nada,
nem defender-se! Se um mortal é envolvido
na trama do destino, que proveito há
em prolongar a vida por mais uns momentos?
Deves matá-lo já! Atira seu cadáver
distante de meus olhos, bem longe, aos abutres,
coveiros dos malvados desta qualidade!
Assim há de pagar os males que me fez!

ORESTES

*Dirigindo-se a EGISTO.*

Anda, e depressa! Para que falar? É inútil!
Não queremos palavras, mas a tua vida!

EGISTO

Por que me levas ao palácio? Se há justiça
em tua ação, por que procuras esconder-te?
Não quer a tua mão ainda golpear-me?

ORESTES

Não mandes! Mostra em que lugar meu pai foi morto!
Onde o mataram, lá tu morrerás! Caminha!

EGISTO

Quer o destino que o palácio dos Atridas
assista a todas as inúmeras desgraças
presentes e futuras da raça de Pêlops!

ORESTES

Às tuas, pelo menos; não sou mau profeta.

EGISTO

Teu pai não teve o dom de que te vanglorias!

ORESTES

Falas demais e te retardas! Vamos! Marcha!

EGISTO

Segue na frente!

ORESTES

Segue tu! Irás na frente!

EGISTO

Receias minha fuga?

ORESTES

Não escolherás
a forma de morrer e não te faltará
tortura alguma na hora de tua morte!
Queiram os céus que a firme espada vingadora

golpeie fatalmente todos os perversos!
Assim será menor a malvadez no mundo!

CORO

Bravos filhos de Agamêmnon!
Quantos males suportastes
por amor à liberdade!
Ei-la enfim recuperada
graças à vossa bravura!

FIM

# NOTAS À *ELECTRA*

1. *Argos*: região do sudeste da Grécia, onde reinara Agamêmnon; sua cidade principal era Micenas, em cuja acrópole ficava o palácio real.

2. *Infeliz filha de Ínaco*: Ínaco, um rio divinizado, primeiro rei lendário de Argos; Io, sua filha, foi a primeira sacerdotisa do templo de Hera; Zeus, para livrá-la dos ciúmes de sua augusta esposa, transformou-a em novilha, mas a metamorfose não livrou a infeliz sacerdotisa das perseguições da rancorosa Hera. Veja-se a nota seguinte.

3. *Apolo*, e dois versos adiante *Hera*: divindades importantes da mitologia grega; Apolo era o patrono e inspirador dos principais oráculos da Grécia e, respondendo a uma pergunta de Orestes, como se verá depois, aconselhou-o a vingar a morte de Agamêmnon. *Matador de lobos* traduz o epíteto apolíneo *Lykeios* (quando os epítetos ocorrem desacompanhados do nome dos deuses, conservo a forma original, que será explicada em nota).

4. *Pelópidas*: descendentes de Pêlops, rei lendário de Argos, avô de Agamêmnon, e fundador da dinastia dos Atridas.

5. *Pílades*: filho de Estrófio (rei da Fócida — região do norte da Grécia — e amigo de Agamêmnon; a seu palácio o preceptor conduziu Orestes, por incumbência de Electra, no dia do crime); Pílades representa na mitologia grega o protótipo do amigo fiel.

6. *Santuário pítico*: um dos oráculos onde vaticinavam as sacerdotisas de Apolo (pitonisas), situado em Delfos, na Fócida.

7. *Febo*: epíteto de Apolo (literalmente: luminoso).

8. *Fanoteu*: tio e inimigo de Estrófio, o rei da Fócida; Orestes, atribuindo a Fanoteu — amigo de Egisto — a iniciativa de mandar notícias de sua suposta morte e suas cinzas, procura tornar esses incidentes mais plausíveis.

9. *Jogos píticos*: competições atléticas disputadas junto ao templo e oráculo de Apolo em Delfos, na Fócida; mais adiante, na descrição da imaginária corrida de carros, a referência é a esses jogos.

10. *Loxias*: outro epíteto de Apolo (literalmente: oblíquo), alusivo à obscuridade de seus vaticínios.

11. Esta é a primeira parte lírica, em que Electra contracena com as mulheres do coro. Nas representações modernas de dramas gregos, estas partes costumam ser declamadas (as do coro em uníssono).

12. *Ares*: deus da guerra; por extensão, personifica todos os feitos sanguinolentos.

13. *Perséfone e Hades*: divindades infernais. Nos versos seguintes: *Hermes do Inferno*: Hermes, filho de Zeus e de Maia, entre outras atribuições tinha a de conduzir as almas dos mortos ao Hades (além de significar o próprio deus, Hades também designava seus domínios, destino dos mortos). *Augustas Fúrias*: as Fúrias personificavam o remorso.

14. *Aflito pássaro, tão caro a Zeus*: o rouxinol. Segundo a lenda, o rouxinol chorava sempre os filhos que sem querer matara quando tinha a forma humana, que perdeu em conseqüência desse incidente fabuloso. Mensageiro de Zeus porque anuncia a primavera.

15. *Níobe*: filha lendária de Tântalo; orgulhosa porque tinha 14 filhos, considerava-se superior a Leto (uma das esposas de Zeus, que só tivera dois filhos: Apolo e Ártemis); essa insolência provocou a ira de Leto, que mandou Apolo matar os sete filhos de Níobe, e Ártemis as sete filhas, uma das quais — Clóris — conseguiu salvar-se; transtornada pela desgraça, Níobe transformou-se em rochedo; desse rochedo brotara uma fonte, testemunho de seu pranto perene.

16. Das duas irmãs vivas de Electra, Crisótemis aparecerá em alguns episódios subseqüentes; de Ifiânassa não se falará mais.

17. *Campinas bucólicas de Crisa*: Crisa era um lugarejo da Fócida, onde ficara Orestes.

18. *Deus… do Aqueronte*: Hades; o Aqueronte era um rio lendário que atravessava as regiões infernais.

19. Agamêmnon fora morto durante uma festa, que Clitemnestra preparara para comemorar o regresso do esposo.

20. No original este verso é composto por quatro palavras, todas começando pela letra “p”.

21. *Alguns de teus cabelos*: era hábito na Grécia heróica dedicar os cabelos aos parentes mortos.

22. *Bodas ímpias*: alusão ao adultério de Clitemnestra e Egisto.

23. Pêlops, avô de Agamêmnon e fundador da dinastia dos Atridas (v. a nota 4). Enomau, rei de Pisa, na Élis (Grécia Ocidental), prometera a mão de sua filha Hipodâmia ao pretendente que o derrotasse numa corrida de carros; o jovem Pêlops, filho de Tântalo, apresentou-se para competir, e subornou o condutor do carro de Enomau, Mírtilo, que traiu o seu senhor, afrouxando os pinos que prendiam as rodas ao eixo do carro; essa traição permitiu a Pêlops conquistar a vitória e Hipodâmia. Mas Mírtilo não sobreviveu por muito tempo à sua deslealdade; um dia insultou Hipodâmia e foi lançado ao mar por Pêlops enraivecido; ao desaparecer nas águas Mírtilo amaldiçoou a casa de Pêlops, e a esse fato, ao qual ainda haverá alusões no decurso da tragédia, atribuíam-se as desgraças dos Atridas (filhos e demais descendentes de Atreu, que por sua vez era filho de Pêlops e pai de Agamêmnon e de Tiestes; Egisto, o sedutor e cúmplice de Clitemnestra, era filho de Tiestes, e portanto primo de Agamêmnon).

24. *A filha inocente*: Ifigênia, irmã de Electra, sacrificada por Agamêmnon antes de sua partida para Tróia, a fim de tornar os ventos propícios à expedição; Electra explicará depois o sacrifício.

25. *Menelau*: irmão de Agamêmnon e participante da expedição a Tróia; foi de certo modo o causador da famosa guerra, pois a expedição teve como pretexto a vingança do ultraje de Páris, que, após hospedar-se no palácio de Menelau, lhe raptara a esposa — Helena —, fugindo com ela para Tróia, onde reinava Príamo, pai do raptor.

26. Á*rtemis*: irmã de Apolo, deusa solitária e casta, que vivia nos bosques, dedicada à caça.

27. Á*ulis*: porto da costa ocidental da Grécia, onde se reunira e ficara retida pela calmaria, antes do sacrifício de Ifigênia, a armada grega que ia conduzir a Tróia a expedição comandada por Agamêmnon.

A propósito desse longo “discurso” de Electra, note-se que ele é característico do espírito racionalista dos gregos da época de Sófocles, já influenciada pelos sofistas; primeiro, Electra dá a Clitemnestra uma explicação apoiada nas tradições religiosas, mas logo depois, como se ela mesma não estivesse convencida, passa a raciocinar dentro de rigorosa lógica; essas justificações eram muito agradáveis aos atenienses, hábeis querelantes.

28. *Ela*: Electra.

29. *Jogos píticos*: veja-se a nota 9; o preceptor segue as instruções de Orestes na primeira cena. A longa descrição da imaginária corrida de carros em que ocorre a suposta morte de Orestes, tem sido interpretada diversamente pelos comentadores de Sófocles; muitos consideram-na supérflua, mas, em última análise, é perfeitamente cabível, e Sófocles traça aqui a psicologia da mentira; os mentirosos são amigos dos mínimos detalhes, que dariam maior credibilidade às suas invenções; para Clitemnestra, essa riqueza de minúcias tornou mais plausível a mentira.

30. *Aqueu*: da Acaia, região da Grécia situada no litoral do golfo de Corinto. *Espartano*: de Esparta, região da Grécia em que reinava Menelau. *Da Líbia*: Líbia era a denominação genérica do norte da África na antigüidade. No verso 729: … *um dos concorrentes líbios*: literalmente: do auriga barqueu (de Barca, na Líbia).

31. *Corcéis téssalos*: eram famosos na antigüidade os cavalos da Tessália, região do norte da Grécia onde se elevava o monte Olimpo.

32. Da Etólia, região do nordeste da Grécia. *Magnes*: habitante do litoral ocidental da Tessália (Magnésia). Os *enianos* habitavam o sul da Tessália.

33. *Tebano*: literalmente *beócio*, habitante da Beócia, na Grécia central; lá ficava Tebas, a famosa cidade onde reinou Édipo.

34. *Incineraram … numa pira*: na Grécia heróica os cadáveres eram geralmente incinerados; a inumação simples era excepcional.

35. É evidente a ironia amarga das palavras de Electra, que antes já dissera a Crisôtemis: “É grande maravilha minha vida agora…” (verso 388).

36. *Nêmesis*: uma das divindades infernais, vingadora do ultraje, da arrogância e da impiedade; quase no fim da peça, quando lhe dizem que poderá ver o cadáver de Orestes, Egisto, depois de estimar a sua sorte como capaz de causar inveja aos próprios deuses, dirá, pensando em Nêmesis: “Se houver blasfêmia em minhas expressões, renego-as!” (verso 1469).

37. *Anfiarau*: rei lendário, dotado de espírito profético; desposou Erifile, irmã de Adrasto, antigo rei de Argos. Por ocasião da guerra contra Tebas Anfiarau ocultou-se, para fugir à expedição, pois sabia que haveria de morrer diante das portas daquela cidade; sua esposa o denunciou, e ganhou por isso um colar de ouro e diamantes; descoberto, Anfiarau teve de ir à guerra, em que morreu, mas deixou um filho — Alcmêon (v., na introdução, o fragmento do poeta cômico Antifanes, alusivo a alguns desses incidentes míticos), incumbido de vingá-lo tão pronto soubesse de sua morte; logo que recebeu a notícia, Alcmêon desincumbiu-se de sua missão.

38. Sófocles usa magnificamente a certeza do espectador de que Orestes está vivo e de volta; a impressão de Electra de que ele está morto; e as dúvidas de Crisôtemis, para compor uma situação de grande efeito dramático.

39. Aqui, novamente, Electra se comporta como um orador ateniense do tempo de Sófocles, defendendo sua causa com todos os argumentos cabíveis: já vimos antes que esses debates eram muito do gosto dos atenienses da época, influenciados pelos sofistas; mas Crisôtemis, em suas respostas, mostra-se argumentadora tão hábil quanto Electra.

40. Essas reflexões do coro são sugeridas pelo contraste da atitude das duas irmãs: por que Crisôtemis não segue os mandamentos da piedade filial, que os próprios pássaros praticam? Por que não segue o exemplo de Electra? Os antigos acreditavam que alguns pássaros, na velhice, eram alimentados pelos filhos.

41. *Têmis*: na mitologia grega Têmis era a personificação da justiça, das leis humanas em sentido abstrato, dos usos e costumes estabelecidos entre os homens.

42. *Rumor recôndito: Phama* (correspondente a fama — o que se diz entre o povo), outra personificação da mitologia grega.

43. *Atrida*: Agamêmnon, filho de Atreu.

43a. *As duas Fúrias*: Clitemnestra e Egisto.

44. A ausência prolongada de Orestes explica o fato, de outro modo difícil de admitir-se, de Electra não o reconhecer. É ainda mais natural que Orestes não a reconheça, pelas mesmas razões, e também por seu aspecto, desfigurada em conseqüência dos sofrimentos, dos maus-tratos, e da humildade no vestir.

45. *Foceus*: habitantes da Fócida.

46. *Estrófio*: rei da Fócida, a quem o Preceptor levara Orestes, por incumbência de Electra, no dia da morte de Agamêmnon (veja-se a nota 5).

47. *Estando aí os restos…*: procuramos conservar a ambigüidade do original, que é notável em toda esta cena; é a ironia trágica dos dramaturgos gregos. Os espectadores sabem que nada há na urna, mas Electra supõe que ela contém as cinzas de Orestes; o verso pode ser entendido como uma forma inconsciente de condicional, e também pode soar como se Electra dissesse: já *que os restos estão aí…* Mais adiante há o mesmo uso da ambigüidade quando Electra diz: *Que recebo nas mãos neste momento? Nada*. Isso pode significar, para o espectador, que a urna está vazia, mas para Electra quer dizer que Orestes está reduzido a nada.

48. Neste trecho Electra dirige-se à urna que tem nas mãos e que, no seu entender, contém as cinzas de Orestes. O *nada* do verso 1130 tem duplo sentido, como se fosse uma premonição de Electra de que a urna vinha vazia.

48a. A mudança de metro nestes doze versos, que está no original, acentua o desespero de Electra.

49. Orestes reconhecera Electra pouco tempo antes, por sua maneira de falar dirigindo-se à urna.

50. Orestes, que até aqui tratara Electra cerimoniosamente, pois ainda não a reconhecera, passa a tratá-la intimamente.

51. As palavras de Orestes explicam por que não se deu a conhecer logo que reconheceu Electra.

52. *Mas isto não é nada*: Orestes diz a palavra "isto" apontando para a urna.

53. *Que me dizes, menino?*: a passagem do cerimonioso "forasteiro" para o carinhoso "menino" (tal como está no original) assinala o primeiro lampejo de esperança para Electra; a expressão "menino" é natural, pois Electra, embora seja apenas alguns anos mais velha que Orestes, foi quem dedicou maiores cuidados ao irmão, segundo suas próprias palavras ao dirigir-se à urna em que supunha estarem as cinzas de Orestes.

54. *Observa bem este sinete*: sinete (*sphragis*) era um anel em que estava gravado o selo real, insígnia do poder. Alguns comentadores acham que o reconhecimento foi muito rápido, e o sinete era prova problemática, mas pode-se dizer, a favor de Sófocles, que num instante, diante do objeto familiar, Electra teve revelação da identidade do irmão, mesmo porque, ao usar a expressão "menino", dois versos antes, já demonstrara uma atitude mais inquiridora.

55. Até o verso 1279 a alegria de Electra leva-a a desprezar a forma falada e adotar a forma lírica, mas Orestes, ainda preocupado com o que lhe restava fazer para consumar a vingança, prossegue falando normalmente.

56. Compreendendo que a situação ainda era grave, Electra refreia o júbilo, que a levara a expressar-se liricamente, e retoma a forma falada.

57. Note-se a transformação de Electra; até reconhecer o irmão mostrara-se heróica, inflexível, porque "tinha de fazer tudo sozinha"; mas agora, que Orestes voltou, torna-se submissa e deixa as resoluções ao irmão.

58. O sentimento revelado por Electra nestas palavras é profundamente feminino, e caracteriza a mudança de sua atitude, humanizando-se.

59. *O núncio*: Orestes; *As soturnas* são as divindades infernais vingadoras das mortes injustas.

60. *Hermes, filho de Maia*: veja-se a nota 13. Maia fora uma das muitas conquistas de Zeus, e desses amores nascera Hermes, o deus da dissimulação e da astúcia, e também o condutor dos mortos ao Hades.

61. Outra ambigüidade, mais sensível no original, onde o texto grego equivale aproximadamente a "atingiram a fidalga dona"; pela dupla acepção da palavra grega equivalente a "atingiram", os espectadores entendem "feriram", mas Egisto entende "chegaram até" a dona.

62. *Argivos*: habitantes de Argos.

63. Mais uma ambigüidade: para Egisto, as palavras de Electra significavam que ela resolveu submeter-se a ele, mas Electra quer dizer, veladamente, que Orestes chegou, e ela está seguindo-o em seus planos e ações; é neste último sentido que entendem os espectadores.

64. *Os mortos*: Egisto julgava Orestes morto.

Copyright © 1992, Mário da Gama Kury

Reservados ao tradutor os direitos de representação teatral, de televisão, de radiofonia, fotomecânicos etc.

Copyright desta edição © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

ISBN: 978-85-378-0988-4

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
ÉDIPO REI
Sófocles

# Édipo rei

Sófocles
9788537809815
86 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser filho do rei Pôlibo de Corinto e de sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio, por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
PROMETEU
ACORRENTADO
Ésquilo

# Prometeu acorrentado

Ésquilo
9788537809907
61 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O titã Prometeu, vítima da ira de Zeus, é pregado num rochedo com a alegação de que se rebelara contra a vontade divina com o intuito de ajudar a humanidade primitiva.
Prometeu proclama a sua indignação diante do céu, do mar e da terra à sua volta declarando que, por amor às criaturas humanas, conseguiu salvá-las da destruição e lhes deu o fogo por ele roubado do céu, permitindo assim o início da civilização. Tratado desdenhosamente por Prometeu, Hermes anuncia-lhe torturas ainda mais cruéis: a águia que devoraria a cada dia seu fígado, que se recomporia também diariamente, e um cataclismo que o lançaria no Hades.

Além dessa peça Ésquilo escreveu duas outras sobre o mesmo tema: Prometeu portador do fogo e Prometeu libertado, das quais nos restam apenas fragmentos.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
ÉDIPO EM
COLONO
Sófocles

# Édipo em Colono

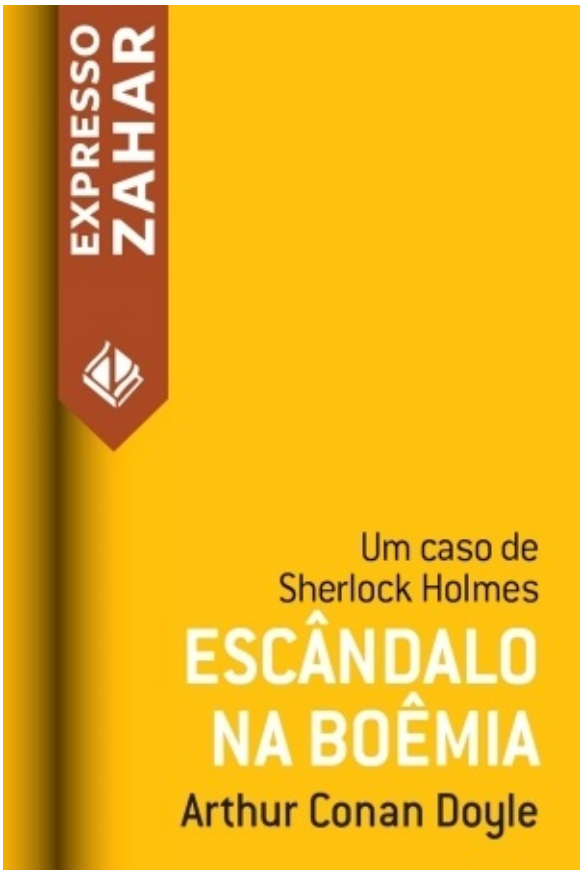
Sófocles
9788537809822
100 páginas

Compre agora e leia

Consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Os antecedentes do Édipo em Colono estão em grande parte no Édipo Rei. Depois de cegar-se perfurando os olhos ao descobrir a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, Édipo chega afinal às imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, onde cumpre a profecia de ser tragado pela terra, segundo um oráculo.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Um caso de
Sherlock Holmes
ESCÂNDALO
NA BOÊMIA
Arthur Conan Doyle

# Escândalo na Boêmia

Conan Doyle, Arthur
9788537811627
34 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução dos Clássicos Zahar

Esse primeiro conto de Sherlock Holmes publicado na Strand Magazine inaugura a parceria de Holmes e Watson. Escândalo na Boêmia é também a única história em que vemos o detetive derrotado. Procurado pelo rei da Boêmia, Holmes se vê em busca de uma fotografia em poder de uma mulher que pode prejudicar o rei que está prestes a se casar. Irene Adler, a antiga amante do rei, no entanto, foge com a prova do crime depois de conseguir despistar o famoso detetive.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
EUMÊNIDES
Ésquilo

# Eumênides

Ésquilo
9788537809860
54 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury.

Terceira peça da trilogia Oréstia, as Eumênides narram o périplo de Orestes, filho de Agamêmnon e Clitemnestra, para fugir das Fúrias vingadoras de sua mãe. Clitemnestra enviara as Fúrias atrás de Orestes depois que ele a matou junto com o Egisto, amante de Clitemnestra e cúmplice dela no assassinato de Agamêmnon. Mas Atena decide ouvir os apelos de Orestes e convence as Fúrias de que a causa merece um julgamento.

Compre agora e leia

# Table of Contents

Sumário
Sófocles: ELECTRA
    Introdução
    Tradução
    Notas
Copyright